

***FEMINAE*: FIGURAS DE IDENTIDADE**

Os sete ensaios publicados nesta secção da Revista, subordinados ao tema genérico «*Feminae* – Figuras de Identidade», apresentam, apesar da heterogeneidade de temas, géneros e autores(as) tratados(as), uma curiosa harmonia e, poderíamos mesmo dizer, uma síntese que, longe de ser exaustiva é representativa de muitas das questões de fundo que os Estudos Feministas, estratégica e pertinentemente, têm vindo a colocar à Literatura.

Num percurso geográfico sinuoso, abrangendo continentes diversos e múltiplas culturas, são aqui discutidos textos nos quais a protagonista é predominantemente feminina, levantando-se questões de identidade, de raça, de cultura e, essencialmente, de luta contra as margens da palavra – o silêncio e a censura.

Teresa Alves em «Women's Narratives and the Shifts from the Canon» faz uma leitura de três textos de três escritoras americanas contemporâneas (Maxine Hong Kingston, Toni Morrison e Leslie Silko), salientando as suas singularidades e diferenças relativamente à cultura canónica americana. Uma particular ênfase é posta na «outridade» cultural de cada uma destas escritoras face à cultura dominante. A questão da raça é colocada em termos de herança cultural e o papel da literatura visto como veículo transmissor privilegiado desse legado cultural aqui codificado na arte de «contar histórias» («talk-stories» ou «storytelling»), um ritual ancestral onde se entrelaçam experiências de diferentes gerações, se fixa a sua memória e, tal como a autora afirma, «se forja o idioma da diversidade cultural».

No texto «Writing Abjection: Janice Galloway's *The Trick is to Keep Breathing*» Elizabeth Russell, partindo do conceito de abjecção tal como definido por Julia Kristeva em *Pouvoirs de l'Horreur* (1980), analisa o romance de Janice Galloway publicado em 1989, em termos de uma busca de identidade. O romance enuncia o completo estado de abjecção da protagonista em relação a si mesma e ao seu corpo que lhe induzem anorexia nervosa e várias tentativas de suicídio; Elizabeth Russell explora, num contexto freudiano, as significações da abjecção de Joy Stone (a heroína), pelo seu corpo e até pela sua casa (tornada «unheimlich» e grotesca), em íntima relação com os seus fantasmas e ansiedades, e, em última análise, a busca de uma identidade perdida ou nunca havida.

Karin Littau, em «Reading Thieving Theorizing: Philip Hensher's *Other Lulus* and Kathy Acker's 'The Selling of Lulu'», enuncia as várias reescritas ou diferentes

estratégias de leitura suscitadas pelo mito de «Lulu», a partir dos «Lulu Dramen» de Franz Wedekind, e a produção de uma espécie de «Lulu industry» (na formulação da autora), com o objectivo de procurar os pontos de contacto, bem como os contrastes destas diversas apropriações da figura mítica de «Lulu». Questões de género, de identidade criada ou adquirida (bem como de não-identidade enquanto essência *per se*), são aqui debatidas em função do questionamento da intervenção da diferença sexual no acto de leitura. Por sua vez, a leitura feminista é apresentada como acto de resistência, leitura «em oposição» a leituras «homo/lógicas», subordinadas à cultura patriarcal dominante.

O ensaio de José António Costa Ideias, «Theme and Femininity: a comparative reading of the poetry of Noailles, Myrtilotissa and Polydouri», apresenta um estudo comparativo da poesia destas três autoras, expressão de culturas diversas, cuja temática foca, paralelamente, o amor, a natureza e a morte. O objectivo deste ensaio é o estabelecimento de novos parâmetros de análise da poesia de cada uma destas autoras, tendo em conta o intertexto tema e identidade feminina.

Em «O tratamento da sexualidade em *Middlemarch*: silêncios que falam o texto», Paula Sofia Sampaio elabora um estudo do romance de George Eliot a partir dos conceitos de sexualidade, poder e «discurso sobre a sexualidade», tais como estes são discutidos por Foucault na sua *Histoire de la Sexualité*. Tal como a autora deste ensaio postula, na sua análise foram essencialmente focadas as seguintes questões: «a formulação da ideia de repressão, tão fortemente associada à época vitoriana, em termos de hipótese... e a instituição de um dispositivo de sexualidade que incita, em vez de reprimir, o discurso sobre o sexo», bem como a ideia de Foucault de que o romance terá sido uma das instâncias divulgadoras desse «dispositivo de sexualidade»; por último, este texto salienta a «inserção de silêncios» no próprio discurso do romance.

Kathy Miller, em «Cultural Geography – Nomadism, Friendship and War in Margaret Atwood's *The Robber Bride*», propõe uma leitura do romance de Atwood à luz dos conceitos de nomadismo expostos por Rosi Braidoti em *The Nomadic Subject* (1994). Simultaneamente, Kathy Miller faz uma leitura do estado actual do movimento feminista no contexto do presente «mapa» mundial, interrogando-se sobre se este será «a lost boutique in the academic mall», se terá já eventualmente passado da margem para o centro, ou, finalmente, se estaremos ainda à espera de um «second wave feminism» que venha reclamar um lugar de direito no cânone.

O último ensaio desta secção, da minha autoria, intitulado «Angela Carter e o processo de descolonização da linguagem e do pensamento», apresenta a controversa e inquietante personagem autoral de Carter no seu multifacetismo, (tal como foi dito, como uma «benevolent witch queen») e a polémica recepção de que a sua obra tem vindo a ser alvo. Partindo de uma afirmação categórica e provocatória da própria Carter, «I'm in the demythologising business», este ensaio foca essencialmente as reescritas de contos populares e contos de fadas a que Carter dedicou grande parte da sua breve vida, enquanto figurações simbólicas, simultaneamente criações de fantasia e de

«wishfulfilment», uma espécie de «sonhos informais sonhados em público», e, nesta dimensão utópica, próximos de uma cultura popular onde Carter desejou sempre intervir.

Resta-nos esperar que, tal como afirmei no início desta Introdução, esta heterogeneidade de textos e a multiplicidade de pontos de vista suscite questões outras e seja, na verdadeira acepção da palavra, polemizante.

Ana Gabriela Macedo